

Eis-me aqui, porque me chamaste!

Cultura, Pastoral e Promoção
Vocacional no Regnum Christi



REGNUM
CHRISTI

Índice

Introdução	7
Capítulo I. Eis-me aqui, Senhor, porque me chamaste	9
Os esquemas de vocação no Antigo Testamento	10
O chamado para seguir Jesus no Novo Testamento	13
Capítulo II. Uma renovada cultura e pastoral vocacional na Igreja e no Regnum Christi	17
A vocação pessoal. Como entendemos a vocação específica hoje	18
Como entendemos as diversas vocações dentro da Igreja e como elas se relacionam entre si?	19
Então, o que é cultura vocacional e como a entendemos?	21
E a pastoral vocacional?	24
A relação entre cultura, pastoral e promoção vocacional	26
Capítulo III. Dimensões da vocação	29
A vocação humana, uma vocação à vida e ao amor	30
A vocação cristã	31
A vocação a um carisma particular	33
A vocação específica	34
Capítulo IV. Uma cultura vocacional que se expressa e se concretiza nos elementos próprios da vida do Regnum Christi	37

A vida espiritual, um encontro com Jesus Cristo que nos chama.....	38
O apostolado, um encontro com Jesus que nos envia	40
O acompanhamento, um encontro com Jesus que caminha ao nosso lado	41
A formação, um encontro com Jesus que nos faz adquirir seus sentimentos	44
Vida de equipe e de comunidade, um encontro com Jesus que nos reúne	46
Capítulo V. As diferentes vocações dentro do Regnum Christi	49
Os leigos associados do Regnum Christi	50
Os Leigos Consagrados do Regnum Christi.....	50
As Consagradas do Regnum Christi.....	51
Os Legionários de Cristo.....	51
Conclusão. Cultura, pastoral e promoção vocacional no Regnum Christi, uma tarefa compartilhada por todos.....	53
Abreviaturas.....	55

Introdução

Partindo da finalidade última do Regnum Christi, que é glorificar a Deus e fazer presente o Reino de Cristo no estado e condição de vida para os quais Deus nos chamou (cf. *EFRC 7*), é essencial descobrir e acolher a própria vocação.

Por isso, será sempre central para a experiência do membro do Regnum Christi ser acompanhado para alcançar sua plenitude vocacional: “A família espiritual Regnum Christi deve ser terra fecunda para que os homens encontrem sua plenitude vocacional, Por isso [...] devem procurar colaborar na criação de um ambiente que propicie compreender a vida como vocação e que facilite descobri-la e acolhê-la; e hão de conhecer, valorizar e fomentar todas as vocações cristãs” (*EFRC 48 §1*).

Chamados, portanto, a descobrir a própria vocação, a cuidar dela e a vivê-la até o fim, somos impelidos a valorizar e promover todas as vocações que Deus suscita no seio do Regnum Christi e da Igreja, porque todas elas têm a sua origem no mesmo Deus e contribuem para a missão comum.

Na conclusão da primeira Convenção Geral Ordinária da Federação Regnum Christi, comprometemo-nos a fazer escolhas missionárias corajosas. Uma das prioridades que nos propusemos a este respeito é promover uma cultura vocacional renovada.

Com este ensaio, queremos contribuir para uma melhor compreensão e uma visão compartilhada no Regnum Christi sobre cultura, pastoral e promoção vocacional, de acordo com o pensamento atual da Igreja.

Capítulo I

Eis-me aqui, Senhor, porque me chamaste

Ao longo da história da salvação, foram ouvidas as vozes de homens e mulheres que, tendo recebido um chamado de Deus, respondem ao convite que Ele lhes faz: «Fala, Senhor, teu servo escuta!» (1 Sm 3, 9); «Eis-me aqui, envia-me» (Is 6, 8); «Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38); «E, imediatamente, deixando as redes, eles o seguiram» (Mc 1, 18); «E ele se levantou e o seguiu» (Mt 9, 9); «Que devo fazer, Senhor?» (Atos 22:10).

As Escrituras deixaram vestígios do testemunho de gerações e gerações daqueles que foram “chamados” por Deus e depois por Jesus a segui-lo, a servi-lo e a realizar uma missão concreta.

O Livro do Gênesis narra o modo como o homem e a mulher são chamados à existência, à comunhão com Deus e à missão de dar vida a toda a humanidade (cf. Gn 1, 26-28). A partir deste primeiro e indispensável chamado à vida, Deus convida os homens a uma missão específica. A finalidade desta vocação é cumprir uma tarefa na história da salvação. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento apresentam vários esquemas de vocações que servem de referência para nós, cristãos, que também nos sentimos chamados por Deus.

Os esquemas de vocação no Antigo Testamento

No Antigo Testamento, encontramos quatro tipos de esquemas de chamado e de resposta.

O primeiro é um esquema de mandato-resposta. Deus dá uma ordem a um personagem da história da salvação e ele responde executando a ordem que Deus lhe propõe. Um dos exemplos mais claros é o chamado de Abraão (cf. Gn 12, 1-4). O autor narra como o Senhor ordena a Abrão que deixe sua terra e sua pátria para a terra que Deus lhe mostrará. Ele imediatamente, sem qualquer objeção, põe-se a caminho.

Nesse esquema de vocação, Deus é quem tem a iniciativa. Ele chama um homem que está fora da terra da promessa e lhe pede que deixe sua terra, seus parentes e a casa de seu pai. Abrão tem que romper todos os laços anteriores, deixar sua família, sua etnia, sua terra e todas as suas seguranças para ter em Deus sua única segurança. Diante dessa renúncia, ordenada por Deus, uma promessa é apresentada. Deus não deixa Abrão no vácuo, mas faz uma aliança com ele, prometendo-lhe, gratuitamente, uma terra e uma descendência. Deus o abençoará com uma terra que mana leite e mel (cf. Dt 26, 9) e fará dele pai de um grande povo. Abrão receberá um novo nome que indica a sua vocação-missão: pai de uma multidão de nações (cf. Gn 17, 5); nele serão abençoadas todas as famílias da terra. Diante do chamado, Abraão respon-

de aderindo ao plano de Deus sem perguntas e sem objeções, e deixa sua terra.

No segundo esquema da vocação, a pessoa, sob o impulso do Espírito, percebe uma necessidade e se oferece para se colocar a serviço de Deus e cumprir o que Ele lhe pede. Este é o caso de Isaías. Na narração da sua vocação (cf. Is 6, 1-13), o profeta narra a sua visão da glória de Deus no Templo, e ouve a voz de Deus que diz: “Quem enviarei? E quem irá por nós?” Naquele momento, sem hesitar, Isaías responde a Deus: “Eis-me aqui, envia-me” (Is 6, 8).

Isaías é um profeta consciente da situação pecaminosa em que seu povo se encontra. Ele profetiza na era da monarquia em que reis e muitas pessoas cometem injustiças, se dedicam à adoração de ídolos e não confiam no poder de Deus para libertá-los dos inimigos. O próprio Isaías, cheio de temor sagrado, confessa que também ele é um homem de lábios impuros, habitando no meio de um povo de lábios impuros. No entanto, o reconhecimento de sua fragilidade e pecado não o impede de dar uma resposta a Deus. Ele se deixa purificar pelo Senhor com o símbolo da brasa que queima seus lábios. Por meio desse sinal, o profeta está pronto para ser o mensageiro do Senhor para o povo. Agora, purificado, é capaz de responder ao Senhor: “Eis-me aqui, envia-me” (Is 6, 8).

O terceiro esquema é aquele que é realizado em etapas. A pessoa percebe de alguma forma que alguém a está chamando. Deus se manifestou a ela em vários momentos, até que finalmente a pessoa percebe que Deus a está chamando e responde. O caso mais paradigmático é o do profeta Samuel (1 Sm 3).

Samuel serviu ao Senhor sob Eli, o sacerdote, no tabernáculo de Silo. Uma noite Deus o chama, mas ele não consegue identificar quem está chamando seu nome no escuro. Samuel pensa que é o sacerdote Eli, e apresenta-se três vezes a ele: “Eis-me aqui, porque me chamaste” (1 Sm 3, 5.6.8). Na terceira vez, Eli percebe que é o Senhor que chama o menino e lhe diz o que ele deve responder: “Fala, Senhor, teu servo escuta!” (1 Sm 3:9). Por insistência de Deus, Samuel finalmente responde. Desta forma, Samuel se torna o profeta que faz a transição do período dos juízes para a monarquia.

O último esquema de vocação atestado na Bíblia é o da objeção. Neste caso, a pessoa recebe uma ordem de Deus, mas, de uma forma ou de outra, não se sente capaz de cumprir a missão que lhe foi confiada e, portanto, apresenta uma ou mais objeções, até que finalmente se entrega ao Senhor. Temos o exemplo de Moisés que, enviado por Deus para salvar o seu povo, apresenta-lhe profusamente todas as razões pelas quais, em sua opinião, não é a pessoa certa para a missão (cf. Ex 3-4).

Moisés havia encontrado o Senhor no Monte Horeb, na visão de uma sarça queimando sem ser consumida. Na conversa que tem com ele, Deus o chama pelo nome e lhe revela seu próprio nome. Deus decidiu visitar o seu povo e tirá-lo da terra da escravidão, e quer realizar este milagre pela mão do seu eleito, Moisés. O outrora pastor de homens no Egito, agora simples e feliz pastor de animais, assusta-se com o chamado e tenta fugir da questão: “Ah, Senhor, nunca tive facilidade para falar, nem ontem, nem anteontem, nem agora que falaste a teu servo. Tenho a boca e a língua pesadas” (Êx 4, 10). Mas essas são desculpas infantis, e Deus o traz de volta à realidade: “E quem pôs a boca no ser humano? (...) Eu estarei com a tua boca e te ensinarei o que dizer” (Êx 4, 11-12). É Deus quem sustentará a missão do profeta e libertador.

O chamado para seguir Jesus no Novo Testamento

Os mesmos esquemas de vocação são encontrados no Novo Testamento. Deus, encarnado em Jesus, dirige o seu olhar para alguns homens e os convida a segui-lo. Jesus, através do poder soberano da sua divina palavra, chama os seus discípulos a estarem com Ele e com Ele a participar no anúncio do Reino de Deus.

Poderíamos dizer que o chamado de Cristo se realiza em dois momentos. No primeiro, Jesus toma a iniciativa, como quando convida Pedro e André a segui-lo

para torná-los pescadores de homens (Mc 1,16-18), quando chama Tiago e João (Mc 1,19-20), ou quando diz a Levi: “Segue-me” (Mc 2,14).

Neste primeiro momento, Jesus nos chama a nos dedicarmos totalmente a Ele e a Sua missão. Envolve uma mudança radical na vida dos convidados, ou seja, deixar o seu lar e a sua própria ocupação. Esse chamado ocorre na vida cotidiana, enquanto eles exercem sua profissão como pescadores ou cobradores de impostos. Os primeiros discípulos respondem prontamente e com absoluta disponibilidade. Eles decidem acompanhar Jesus em todos os momentos, ouvindo suas palavras, adotando seu estilo de vida e sendo enviados para cumprir a mesma missão do Mestre.

O primeiro momento do chamado é complementado por um segundo momento: quando, tendo vivido com o Mestre, ouvido os seus ensinamentos e visto o poder de Deus operante n’Ele, devem agora decidir seguir-Lo até Jerusalém: até à sua paixão e morte. Este é o momento que, por exemplo, nos narra Marcos no contexto da viagem a Jerusalém (cf. Mc 8, 31-35). Para os discípulos não é fácil. De fato, quando Jesus anuncia a sua paixão, Pedro quer dissuadi-lo (cf. Mc 8, 32). Mas Jesus o repreende: “Fica atrás de mim!” (Mc 8, 33). A resposta de Jesus a Pedro tem uma clara intenção vocacional: Pedro quer colocar-se diante do Mestre para impedi-lo de passar e seguir para Jerusalém. Mas Jesus não quer Pedro na frente, mas atrás: “Fica atrás de mim!” (Mc 8,33): “Segue-me” (Jo 21,22). É necessário que o discípulo assuma o destino

do Mestre. Depois, dirigindo-se a todos, confirma esta doutrina: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8, 34). Este é o segundo momento do chamado. Os discípulos devem decidir se estão dispostos a dar suas vidas, “atrás” de seu Mestre.

Os dois momentos do chamamento se complementam. A primeira vocação encontra-se no contexto da chegada iminente do Reino de Deus, e a resposta implica uma mudança de vida: deixar a família e o trabalho para seguir Jesus. Sim, é uma exigência radical, mas externa. O contexto da segunda vocação é a iminente Paixão de Jesus, que implica uma resposta de conversão: negar-se a si mesmo, aceitando perder a própria vida (como Jesus), para ganhá-la (cf. Mc 8, 34-37; 10, 5). Este segundo momento do chamado não anula o primeiro, mas o aprofunda, convidando a um seguimento mais íntimo.

Ao longo da história da salvação, o chamamento de Deus ressoou no coração dos homens, convidando-os a segui-Lo e a assumir uma missão concreta no seu plano de salvação. A iniciativa vem sempre de Deus. No entanto, desde os relatos de Abraão, Moisés, Isaías e Samuel, até à vocação dos apóstolos no Novo Testamento, sempre surgiu, espontaneamente, a resposta ao Deus amoroso que nos chama a participar na sua missão.

Cada esquema de vocação nos revela uma dimensão única desse chamado: obediência imediata, disposição generosa, processo gradual de reconhecimento e objeções superadas pela graça de Deus. Em Jesus, este apelo atinge a sua plenitude, exigindo uma adesão radical que não implica apenas deixar atrás elementos humanos, mas também tomar a cruz e compartilhar o seu destino.

Estas experiências bíblicas iluminam a vocação de cada batizado e de cada membro do Regnum Christi. Deus continua a chamar cada pessoa a uma vida de comunhão com Ele e de missão no mundo. O convite permanece aberto: ouvir a sua voz e responder com generosidade, como tantos antes que disseram: “Eis-me aqui, Senhor, porque me chamaste”.

Capítulo II

Uma renovada cultura e pastoral vocacional na Igreja e no Regnum Christi

Como vimos no capítulo anterior, toda a história da salvação está entrelaçada com chamados e respostas de Deus e do homem. A história pessoal de cada um é também uma história vocacional: um caminho de chamados e respostas.

O Concílio Vaticano II sublinhou vigorosamente: “Muitos de tantos e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho”.¹

Neste momento, é necessário um novo raciocínio sobre a vocação e as vocações; sobre cultura vocacional, pastoral vocacional e promoção ou proposta vocacional.

¹ Lumen gentium, n. 11

A vocação pessoal. Como entendemos a vocação específica hoje?

A vocação (do latim *vocare*, chamar) encontra seu fundamento na Sagrada Escritura. Deus, que se revela como Amor numa Trindade de Pessoas, chama o ser humano, criado à sua imagem e semelhança, a encarnar este mesmo amor em comunhão com Ele e entre os seus irmãos. Esta é a vocação essencial e comum de cada ser humano. E esta vocação se concretiza e se realiza na vocação específica de cada homem ou mulher.

Podemos descrever a vocação específica como a maneira pessoal pela qual cada um é amado por Deus. Poderíamos falar de vocação como o “sonho de Deus” para cada pessoa. Em um documento intitulado *Novas vocações para uma Nova Europa*, a Pontifícia Obra para as Vocações Eclesiásticas descreveu o chamado de Deus da seguinte forma:

“A vocação é o pensamento providente do Criador sobre cada criatura, é a sua ideia-projeto, como um sonho que está no coração de Deus, porque a muito amada por Ele. Deus-Pai o quer diferente e específico para cada vivente”. (*NVNE* 13:a).

A vocação específica é o modo pelo qual cada pessoa realiza, em plena liberdade, a imagem de Deus de modo único e irrepetível. O mesmo documento citado acima diz:

“De fato, o ser humano é ‘chamado’ à vida e, quando vem à vida, traz e encontra em si a imagem daquele que o chamou”. “Vocação é a proposta divina de realizar-se segundo essa imagem, e é única-singular-irrepetível, justamente porque tal imagem é inexaurível. Toda criatura significa e é chamada a exprimir um aspecto particular do pensamento de Deus. Ali encontra seu nome e sua identidade; afirma e coloca em segurança a sua liberdade e originalidade” (NVNE 13, a).

Por fim, a vocação é o modo pessoal pelo qual cada um é chamado a participar na missão de Cristo:

“Vocação e missão constituem duas faces do mesmo prisma. Definem o dom e o contributo de cada um para o projeto de Deus, à imagem e semelhança de Jesus” (NVNE 19, c).

Como entendemos as diversas vocações dentro da Igreja e como elas se relacionam entre si?

A consciência de ter uma vocação recebida de Deus sublinha a individualidade irrepetível de cada pessoa e, ao mesmo tempo, o fato de que cada ser humano se realiza no contato com os outros. Toda a vocação na Igreja nasce no seio da comunidade dos fiéis e é por ela validada (cf. Atos 13, 1-2) e está ao serviço da missão comum. A Igreja, como comunidade de cha-

mados, é mãe de vocações, geradora permanente de vocações, nas quais deve ter em conta tanto as necessidades da Igreja como os sinais dos tempos.

No que diz respeito ao tema que estamos a tratar, a eclesiologia expressa no Concílio Vaticano II, principalmente nas constituições *Lumen gentium* e *Gaudium et Spes*, tem alguns traços característicos. Em primeiro lugar, a compreensão da Igreja como **Povo de Deus a caminho** e como **comunidade de batizados** permite compreender a natureza comunitária da vocação, que a pessoa não se doa a si mesma, mas é um dom de amor de Deus ao seu povo. Por outro lado, o **chamado ou vocação universal à santidade** nos permite entender a vocação essencialmente como um caminho de santidade que nos une a todos, e não como um ofício ou aspecto que nos diferencia dos outros.

A vocação, portanto, é o chamado compartilhado por todos os que creem, na medida em que a vocação fundamental do cristão é a plenitude de uma vida santa em Cristo. Ao mesmo tempo, porém, as várias vocações específicas são complementares entre si: de fato, cada cristão, cumprindo a sua vocação específica, serve os seus irmãos na Igreja e beneficia dos dons que as diversas vocações oferecem.

A cultura vocacional nasce deste modo de entender a vocação pessoal e a relação entre as diversas vocações na Igreja.

Então, o que é cultura vocacional e como a entendemos?

Quando falamos de cultura, em qualquer campo, pensamos acima de tudo em três componentes: uma mentalidade, uma sensibilidade e um estilo de vida. A mentalidade (componente intelectual) é a forma de interpretar a vida com suas experiências. A sensibilidade² (componente afetivo) é a maneira pela qual nos envolvemos com os outros. O estilo de vida (componente comportamental) é o que gera opções e compromissos.

A cultura vocacional assume esses três componentes. Acima de tudo, é necessário aprofundar na teologia vocacional: o que é vocação? O que Deus nos revela sobre isso? Eu entendo a vocação como a Igreja a entende? Como vimos nas páginas anteriores, é necessário conceber a vocação como um componente essencial do ser humano, chamado por Deus do nada à existência, a ser imagem da Trindade e membro do corpo místico de Cristo: a Igreja.

2 Aqui, a sensibilidade é entendida como "o órgão interno da pessoa que avalia e torna algo agradável e, portanto, atraente, ou desagradável e, portanto, ameaçador" (A. Cencini, *Construindo a cultura vocacional*, Paulinas, 2013).



Para aprofundar

Os três elementos da cultura vocacional podem ser resumidos com três perguntas que, por sua parte, irão nos ajudar como pauta de análise para saber se existe o não uma Cultura vocacional em nossas seções, obras e apostolados, e em que medida:

- *Mentalidade vocação: Como pensamos sobre a vocação, o chamado de Deus, a missão pessoal, etc.? O que pensamos sobre estes conceitos? São semelhantes ao que a Igreja e o Evangelho propõem?*
- *Sensibilidade vocacional: como vivemos os valores vocacionais? Vivemos nossa vida como uma vocação, como uma missão?*
- *Pedagogia vocacional: como nos organizamos? O que estamos fazendo para promover esta cultura vocacional?*

Se a sensibilidade é um componente de toda cultura, a cultura vocacional é feita de convicções que nascem das verdades da fé. À medida que os princípios da fé se tornam convicções, eles se tornam espiritualidade vocacional. É a passagem da teologia à experiência pessoal, ou seja, a apropriação que cada fiel faz das certezas da fé. Vivo minha vida como uma vocação, como uma missão? Experimento a minha vocação específica como um serviço, necessário e complementar, para toda a Igreja?

A cultura vocacional pressupõe uma atitude de discernimento e uma interpretação das experiências a partir da iniciativa de Deus, da qual brotam escolhas e compromissos.

Finalmente, a cultura vocacional implica um estilo de vida. Para que as convicções se tornem escolhas e favoreçam compromissos, é necessária a pedagogia vocacional (prática, estilo de vida), entendida como o processo educativo que permite que a teologia e a sensibilidade se traduzam em gestos coerentes na vida cotidiana. Daqui brota o apostolado vocacional. Como nos organizamos? O que estamos fazendo para promover essa cultura vocacional?

A vocação não é uma questão privada: é um dom que Deus dá a cada ser humano no seio da Igreja. A promoção de uma cultura vocacional leva a que cada pessoa se sinta não só responsável pela própria vocação, mas também corresponsável por cada vocação.



Portanto, é necessário promover uma cultura vocacional que saiba reconhecer e acolher aquela aspiração profunda do homem, que o leva a descobrir que só Cristo pode dizer-lhe toda a verdade sobre a sua vida. Aquele que “penetrou de modo único e irrepetível no mistério do homem” (Redemptor hominis, 8), “manifesta plenamente o homem a si mesmo e revela-lhe a sublimidade da sua vocação” (Gaudium et spes, 22): a vida é um dom totalmente gratuito e não há outro modo de viver digno do homem, a não ser na perspectiva do dom de si. Cristo, o Bom Pastor, convida hoje cada homem a reconhecer-se nesta verdade. A vocação nasce do amor e leva ao amor, porque “o homem não pode viver sem amor” (Redemptor hominis, 10). Esta cultura da vocação constitui o fundamento da cultura da vida nova, que é uma vida de gratidão e gratuidade, de confiança e responsabilidade; no fundo, é uma cultura do desejo de Deus, que nos dá a graça de apreciar o homem por si mesmo e de reivindicar



constantemente sua dignidade diante de tudo o que pode oprimi-lo no corpo e no espírito.

(Mensagem do Santo Padre João Paulo II para o 30º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, setembro de 1992, n.2)

E a pastoral vocacional?

Uma compreensão mais profunda do mistério da vocação tem gerado um grande impacto no modo de viver a pastoral vocacional. De fato, a Igreja dedicou numerosos congressos e até mesmo um sínodo à reflexão deste tema³. Como fruto desses encontros, foi alcançada uma visão mais ampla da pastoral vocacional, definida como “a constante e coordenada ação da comunidade eclesial para que cada um de seus membros reconheça o chamado que Deus lhe faz e ao qual deve responder com generosidade. Busca que cada pessoa possa descobrir o caminho para a realização de um projeto de vida de acordo com a vontade de Deus e a necessidade do mundo de hoje”.⁴

A Igreja é consciente de que o trabalho vocacional não é uma estratégia prática para melhorar o recrutamento e aumentar o número de pastores ou religiosos. O trabalho de busca da plenitude vocacional de cada cristão nasce da missão da Igreja e está ao seu serviço (cf. *NVNE* 25). Daí o apelo a «vocacionar» todas as pastorais⁵. Esta situação representa um “salto de qua-

3 Congressos na América Latina em 1994 e 2011; Congressos na Europa em 1997 e 2009; Congresso Internacional em 2016; Sínodo dos Bispos sobre “A fé, os jovens e o discernimento vocacional”, em 2018.

4 *Documento conclusivo do II Congresso Continental Latino-Americano de Vocações*, 2011, n. 79.

5 Cf. *Documento conclusivo do II Congresso Continental Latino-Americano de Vocações*, 2011, n. 78-80.

lidade” na pastoral vocacional, que deve provocar algumas mudanças de atitude:

- Motivar esta pastoral por causa da situação negativa da diminuição das vocações especialmente consagradas, por causa do medo da diminuição ou desaparecimento das famílias religiosas, é extremamente redutor. O interesse da Igreja pela plenitude vocacional dos seus membros nunca deve perder de vista a esperança cristã, que nasce da fé e se projeta para a novidade e o futuro de Deus, que gera sempre vida na Igreja.
- A pastoral vocacional não pode continuar a ser dirigida exclusiva ou quase exclusivamente a certas vocações (sacerdotal e consagrada): deve ter em vista a promoção de todas as vocações, que crescem juntas e se beneficiam mutuamente.
- É necessário não restringir o campo de ação a algumas categorias de pessoas que estão mais perto do ambiente da Igreja, ou aquelas que parecem manifestar imediatamente certo interesse em conhecer uma vocação concreta e estender, com coragem, a todos o anúncio e a proposta vocacionais, em nome daquele Deus que não faz acepção de pessoas.
- Devemos passar de uma pastoral vocacional insegura e tímida para uma ação que nasce da convicção de que cada pessoa é um dom original de Deus à espera de ser descoberto.

- Além disso, é imprescindível passar do recrutamento e da propaganda, que podem forçar a liberdade do indivíduo, ao esclarecimento de que a finalidade é ajudar a pessoa a discernir o desígnio de Deus sobre a sua vida, em vista da edificação da Igreja, e a reconhecer e realizar em si mesma a sua própria verdade.
- É importante parar com a promoção de iniciativas e experiências episódicas e difundir uma educação vocacional inspirada num método comprovado de acompanhamento, para poder prestar uma ajuda adequada a quem está à procura.
- Por fim, será necessário passar de uma animação vocacional individual e isolada para uma animação comunitária.

A relação entre cultura, pastoral e promoção vocacional

Enfatizar a cultura vocacional como ponto de partida responde à pedagogia que vem surgindo na Igreja, refletida nos documentos mais recentes sobre o assunto.⁶ Na Convenção Geral do Regnum Christi, a cultura vocacional foi expressa desta forma:

“Promover uma cultura vocacional. Queremos realizar toda a nossa atividade apostólica com base no

6 Entre estes documentos estão os resultantes das assembleias continentais, como “Novas vocações para uma nova Europa”; a Exortação pós-sinodal *Christus Vivit*, na qual o tema é desenvolvido no contexto da pastoral juvenil; e as conclusões dos vários congressos de diversa amplitude que se realizaram --como o “Documento Final do Segundo Congresso Continental Latino-americano de Vocações”, entre outros.

*chamado pessoal de Deus aos homens, permeando-a de uma autêntica pedagogia vocacional, que promova a compreensão da vida como vocação e facilite a cada pessoa descobrir e acolher a sua própria vocação? (EFRC 48). Buscamos que, nas diferentes áreas do Regnum Christi, os processos de plenitude vocacional possam ser realizados naturalmente e, assim, amadureçam as vocações para o matrimônio, a vida consagrada e sacerdotal”.*⁷

É importante compreender e viver bem o que significa cada um dos seguintes conceitos e como eles se relacionam entre si: cultura, pastoral e promoção vocacional. A *cultura vocacional* favorece a compreensão da vida como vocação, como fruto do chamado pessoal que Deus faz a cada pessoa, a partir do qual ele se sente chamado a agir de acordo. A *pastoral vocacional* facilita a cada pessoa descobrir, acolher e realizar plenamente a própria vocação. Por fim, a *promoção vocacional* propõe as várias vocações específicas – à vida conjugal, consagrada e sacerdotal – de modo natural, oferecendo os meios para que cada um descubra e floresça a própria vocação.

Trata-se, portanto, de gerar uma cultura que se baseie na convicção de que a vida é uma vocação e que toda vocação implica uma missão. O Papa Francisco expressa de modo ainda mais radical isso: “*Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo*” (EG 273, cf. ChV 254).

⁷ Comunicado da Convenção Geral Ordinária da Federação Regnum Christi (4 de maio de 2024), n. 23, 1.

Por fim, a renovada compreensão da pastoral vocacional implica não dar como certa uma cultura vocacional, mas contribuir para a sua criação, iniciando processos profundos e acompanhando as liberdades. A promoção se dá através de formadores que sejam pacientes educadores na fé e acompanhem a pessoa a encontrar o seu caminho através do discernimento.

Capítulo III

Dimensões da vocação

Falar de vocação é entrar no coração, do qual brotam as perguntas essenciais: De onde venho? Para onde vou? Quem sou eu? (e ainda mais profundamente: para Quem eu sou?) Como realizar o profundo desejo de amar e ser amado? Qual é a minha missão na vida? Em resumo: Onde posso encontrar a minha plenitude? Qual é a minha vocação particular?

Essa busca é um processo gradual. Em certo sentido, a vocação é vivida como uma realidade contínua e quotidiana ao longo da vida, porque Deus vem constantemente ao nosso encontro e nos chama todos os dias a dar um passo em Sua direção. Este constante apelo de Deus implica um também constante exercício da liberdade. Em outro sentido, também é verdade que há momentos precisos na vida em que somos convidados a fazer escolhas fortes em resposta ao chamado pessoal de Deus para nós.

A vocação particular de cada um está enraizada na própria história. Através do discernimento, nós a acolhemos, sabendo que Deus é o protagonista, que fala com clareza para que cheguemos a conhecer a que Ele nos chama e como podemos responder a este caminho de plenitude e fecundidade.

A vocação humana, uma vocação à vida e ao amor

Nunca podemos esquecer que o ponto de partida é que somos amados. A chave para ser chamado é o ser amado. Um amor que nos traz à existência, que nos doa a vida incondicionalmente. Ninguém dá a vida a si mesmo nem a ganha com base no mérito ou nas habilidades pessoais. A vida é um dom. E esta é a primeira vocação que recebemos: a existência.

Portanto, o primeiro chamado que todos nós recebemos é a vida. Vir à existência não é uma escolha pessoal; foi Outro quem decidiu por nós. A partir disso, pode surgir a pergunta: Para que Deus me criou? Qual é o propósito da minha vida? O que se espera de mim?

A resposta que a fé nos dá a esta pergunta é o amor. Deus é Amor, cria-nos por amor e por amor, e intuímos que a chave da felicidade só pode ser encontrada em aceitar o amor de Deus e responder a ele dando-nos ao próximo por amor a Ele. Esta verdade também é intuída por aqueles que não receberam a Revelação.

Além disso, sabemos que Deus colocou no coração humano princípios ou valores que são universais, além das crenças de cada pessoa, e que são conhecidos como lei natural e estão contidos no Decálogo. Chamamos isso de lei natural porque deriva de nossa natureza e, portanto, de Deus que imprimiu sua imagem em nós.

Em um processo de discernimento e amadurecimento na própria vocação, a primeira pergunta é se a pessoa está vivendo sua vocação humana, se ama a vida recebida de Deus e se realiza na justiça e no amor.

“A vocação da humanidade consiste em manifestar a imagem de Deus e ser transformada à imagem do Filho único do Pai. Esta vocação implica uma dimensão pessoal, pois cada um é chamado a entrar na bem-aventurança divina, mas concerne também ao conjunto da comunidade humana” (CCE 1877).

A vocação cristã

O cristão acolhe um segundo chamado, o da fé: pelo Batismo, ele é inserido em Cristo e se torna parte da Igreja

O fruto do Batismo ou graça batismal é uma realidade rica que comporta: a remissão do pecado original e de todos os pecados pessoais; o nascimento para a vida nova, pelo qual o homem se torna filho adotivo do Pai, membro de Cristo, templo do Espírito Santo Com isto mesmo, o batizado é incorporado à Igreja, corpo de Cristo, e se torna participante do sacerdócio de Cristo (CEC 1279).

O selo batismal capacita e compromete os cristãos a servirem a Deus em uma participação viva na sagrada liturgia da Igreja e a exercerem seu sacerdócio batismal pelo testemunho de uma vida santa e de uma caridade eficaz (CEC 1273).

Os batizados tornaram-se “pedras vivas” para a “construção de um edifício espiritual, para um sacerdócio santo” (1 Pd 2,5). Pelo Batismo, participam do sacerdócio de Cristo, de sua missão profética e régia; “sois a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo de sua particular propriedade,



a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para sua luz maravilhosa” (1Pd 2,9). O Batismo faz participar do sacerdócio comum dos fiéis (CEC 1268).

Pela consagração batismal, o cristão é chamado a ser a presença visível de Cristo no mundo. Cristo vive e age hoje através da sua Igreja, isto é, através de cada um dos batizados. O Espírito Santo faz a obra de nos configurar a Cristo, em sinergia com a nossa livre resposta, até que tenhamos os mesmos sentimentos do Filho, porque somos “filhos no Filho”.

Cada batizado, inserido em Cristo, compartilha com Ele o seu ser sacerdote, profeta e rei.

Através do sacerdócio comum, os cristãos podem oferecer a sua vida quotidiana, a sua oração e o seu serviço, unindo-os à oferta de Jesus Cristo e de toda a Igreja na Eucaristia como sacrifício agradável ao Pai. Através do ser profeta, ele é chamado a proclamar com o seu testemunho e a sua palavra o Reino dos Céus, tornando-o presente no meio do mundo. Por sua participação na realeza de Cristo, ele é filho de Deus por adoção e herdeiro do Pai, merecedor do Espírito Santo.

Em outras palavras: o Batismo é um chamamento diário a viver de modo concreto segundo o amor de Deus, que “foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 5).

Por isso, João Paulo II convidou os participantes no Jubileu do Apostolado dos Leigos do Ano 2000 a per-

guntarem-se: O que fiz do meu Batismo? O que fiz da minha Confirmação?⁸

Se somos templos do Espírito Santo, somos o corpo de Cristo, a sua graça vive em cada um de nós, o que fazemos todos os dias com este tesouro que trazemos dentro de nós?

A partir do momento da consagração batismal, o cristão encontra a sua plenitude na vivência do Evangelho, cujo ápice é o Sermão da Montanha. Por isso, viver a caridade, a humildade, a mansidão, a pureza, a justiça, está no centro de toda vocação cristã.

Um batizado que se pergunta sobre a sua vocação deve começar por abraçar conscientemente a sua consagração batismal (como sacerdote, profeta e rei) e o Evangelho (as Bem-aventuranças) no meio das realidades temporais, marcos de um caminho claro e belo de crescimento rumo à sua plenitude vocacional.

A vocação a um carisma particular

Na história da Igreja, Deus abriu caminhos de crescimento para a santidade, com alguns traços, espiritualidade e missão característicos, que evidenciam um ou outro aspecto do mistério de Cristo. Ainda hoje, Deus continua a chamar as pessoas a viver sua fé à luz de um carisma comunitário. Trata-se de diferentes realidades eclesiais – movimentos, famílias espirituais – que não raro abraçam, sob o mesmo carisma, diferentes vocações. É o caso do *Regnum Christi*.

8 Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem ao Congresso Internacional do Laicato católico* (21 de Novembro de 2000).

Quando Deus chama alguém a fazer parte do Regnum Christi, ele revela à pessoa um caminho de plenitude cristã a partir de seu carisma, espiritualidade e missão própria.

A maneira pela qual cada pessoa é atraída por Deus ao Regnum Christi pode variar. Normalmente, ela começará a partir de uma vida secular dentro desse movimento, mas também pode acontecer que alguém, sentindo-se atraído pela vida consagrada leiga, pela vida religiosa ou pelo sacerdócio, encontre primeiro a uma das instituições de vida consagrada. Em todo o caso, cada pessoa chamada a uma das vocações específicas que existem no Regnum Christi encontrará no carisma comum uma fonte de luz para o discernimento da própria vocação, seja como leigo, como pessoa consagrada, como religioso ou sacerdote.

A vocação específica

Um carisma comunitário não esgota a riqueza do chamado de Deus, pois cada um é chamado a encarná-lo de maneira pessoal, de acordo com os dons e talentos recebidos. A atitude de escuta e discernimento constantes, a certeza de que Deus continua a chamar, levam a pessoa a uma relação única com Cristo e a um modo particular de doação. Assim uma vocação específica vai se configurando, e o desenvolvimento dessa consciência na alma é um dos sinais mais claros de maturidade espiritual.

Um autêntico caminho de fé dá ao cristão uma sensibilidade aos vários aspectos da mensagem cristã ou da missão particular, sempre como uma maior fide-

dade à sua vocação, porque Deus não se contradiz, mas constrói sobre o que já manifestou. Tal aprofundamento exige um compromisso sério e definitivo com Deus, uma docilidade ao Espírito Santo, um olhar atento ao Senhor Jesus, todos os aspectos que um acompanhante espiritual experiente ajudará a distinguir das tentações de fuga, de busca por si mesmo ou de outros enganos.

Nos momentos em que é necessário um discernimento vocacional mais profundo, é de grande ajuda:

- A. Intensificar a vida espiritual, os espaços de silêncio e de encontro com a Palavra de Deus, para propiciar a escuta e aprender a identificar a voz de Cristo que fala dentro de cada um de nós e nos convida a segui-lo.
- B. Observar e aprofundar todos os elementos que fazem parte de uma vocação específica: conhecê-la, frequentá-la, participar de experiências com pessoas que a vivem.
- C. Conhecer a si mesmo: seus próprios talentos e qualidades; interesses, medos e desejos; a própria história, o modo de viver as relações; atitudes, convicções e motivações... Ou seja, o que Deus foi colocando na vida como preparação para uma vocação. Aqueles que crescem em conhecimento pessoal e observam sua própria história, talentos e experiências podem elucidar melhor aonde tudo isso leva.

Os processos de discernimento da própria vocação muitas vezes alternam momentos de grande luz com outros de dúvidas, inseguranças e obstáculos. É importante manter a confiança n'Aquele que nos chama e nos convida a não ter medo.

Em conclusão, toda a vida é um processo de discernimento e amadurecimento da própria vocação, embora haja momentos ao longo do caminho em que somos chamados a tomar decisões importantes. Cada vez que uma pessoa diz o seu sim, como Maria, abrem-se novos caminhos para Deus no próprio coração e novos rios de bênçãos são derramados sobre a Igreja e o mundo.

Capítulo IV

Uma cultura vocacional que se expressa e se concretiza nos elementos próprios da vida do Regnum Christi

Se a cultura vocacional consiste em compreender e viver a vida como um chamado e uma resposta no amor, tudo o que acontece pode ser vivido “vocacionalmente”, aprendendo a descobrir Deus que vem ao nosso encontro e nos permite torná-lo presente de uma maneira particular nos acontecimentos.

Toda a ação pastoral na vida do Regnum Christi deve lançar as bases de uma cultura vocacional que proponha esta visão do homem, do mundo e de Deus, na qual a vocação é uma realidade central: o ponto de partida e a meta fundamental da existência humana.

“O desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso” (CEC 27).

Entendendo a vocação como algo que toca toda a vida, podemos afirmar que “toda a pastoral é vocacional, toda a formação é vocacional e toda a espiritualidade é vocacional” (ChV 254).

Por isso, no Regnum Christi, nós nos propomos a viver uma cultura vocacional a partir dos cinco elementos próprios que sustentam a nossa vida (cf. RFA 2),

como comunidades de apóstolos nas quais cada um, a partir da sua vocação, ajuda os outros a descobrir a sua vida como vocação-missão, encorajando-se mutuamente a crescer rumo à nossa plenitude em Cristo.

A vida espiritual, um encontro com Jesus Cristo que nos chama

Entendemos a vida espiritual como o desenvolvimento progressivo da vida trinitária, que nos leva a nos configurarmos com Cristo, ou seja, “uma relação dinâmica de amor com Deus que se nutre nos sacramentos, na Palavra, na vida litúrgica, na oração e no exercício das virtudes teológicas e morais” (RFA 3).



A própria oração, nascida nas famílias católicas, alimentada por programas de formação cristã, revigorada pela graça dos Sacramentos, é o meio principal mediante o qual podemos conhecer a vontade de Deus para a nossa vida. Na medida em que ensinamos os jovens a rezar, e a rezar bem, cooperamos para o chamamento de Deus. Os programas, os planos e os projetos têm o seu lugar, mas o discernimento de uma vocação é antes de tudo o fruto do diálogo íntimo entre o Senhor e os seus discípulos. Se souberem rezar, os jovens podem estar confiantes de saber o que fazer do chamamento de Deus”.

(Discurso de Bento XVI aos bispos dos Estados Unidos, 16 de abril de 2008).

A vida espiritual permeia e harmoniza todos os âmbitos da vida e é **fruto do encontro pessoal com Cristo que ama e chama**. No processo de descoberta da própria vocação, a vida de oração é indispensável

para um encontro profundo com um Deus que nos conhece, chama e deseja falar aos corações para dar respostas às nossas perguntas mais profundas.

“Para discernir a própria vocação, é preciso reconhecer que a mesma é a chamada dum amigo: Jesus. [...] Este discernimento de amizade é o que proponho aos jovens como modelo se quiserem compreender qual é a vontade de Deus para a sua vida” (ChV 287).

É indispensável **formar-se na vida de oração** e proporcionar espaços que permitam um diálogo íntimo com Deus, para que Ele possa comunicar e dar a conhecer os seus desígnios de amor e para que cada pessoa, ouvindo o seu chamamento, possa responder a Ele:

“À medida que Deus se revela e revela o homem a si mesmo, a oração aparece como um recíproco apelo, um drama de Aliança. Por meio das palavras e dos atos, esse drama envolve o coração e se revela através de toda a história da salvação” (CCE 2567).

A vida sacramental é o fundamento e a força para descobrir e seguir a própria vocação, porque cada sacramento é um encontro pessoal e transformador com Cristo. A Crisma reforça a graça batismal com os dons do Espírito Santo e torna o cristão capaz de testemunhar o Senhor com base em sua vocação específica. Na Eucaristia, somos alimentados pelo mesmo Corpo de Cristo e configurados com Ele, fortalecendo o desejo de tornar presente o seu Reino. Através da Reconciliação, experimentamos a misericórdia e o per-

dão de Deus e encontramos a força para responder fielmente ao seu chamado. Assim, no *Regnum Christi*, a vida sacramental não só sustenta a relação pessoal com Cristo, mas ilumina e guia o caminho da vocação, renovando constantemente o compromisso de ser testemunhas do seu amor no mundo.

O apostolado, um encontro com Jesus que nos envia

Todo batizado é também enviado. Na entrega à missão, a vocação como missão é descoberta e fortalecida. Descobrir Cristo a partir das necessidades dos homens deixar-se enviar, perceber que no apostolado somos as mãos, a boca, os pés de Cristo, são elementos que contribuem poderosamente para o discernimento.



“Como dissemos, a chamada de Deus inclui o envio. Não há vocação sem missão. E não há felicidade e plena auto realização sem oferecer aos outros a vida nova que encontramos. [...] Fazer-nos próximo como o bom samaritano (cf. Lc 10, 25-37) permite-nos compreender o ‘núcleo’ da vocação cristã: imitar Jesus Cristo que veio para servir e não para ser servido (cf. Mc 10, 45).”

(Mensagem do Papa Francisco para o 60º Dia Mundial de oração pelas vocações).

Dar um sentido vocacional à vida apostólica significa fazer experiências concretas de doação e experimentar a alegria de se doar; ajudar a descobrir aquilo com que ressoa o próprio coração, aquilo a que se

sente chamado; ensinar a olhar o mundo como Cristo o vê e a não permanecer indiferente às suas necessidades, para que, do fundo do coração, possa responder: “*Eis-me aqui, envia-me*” (Is 6, 8).

Dar um sentido vocacional à vida apostólica significa ajudar cada um a descobrir que é chamado e enviado a colaborar com Cristo na sua missão, descobrindo o seu olhar e escutando a sua voz que diz a cada um de modo muito pessoal: “Segue-me! Eu te envio a evangelizar, levando os homens à experiência do Pai, do Filho e do Espírito Santo!”.

O acompanhamento, um encontro com Jesus que caminha ao nosso lado

No Regnum Christi, queremos receber e oferecer um acompanhamento que nos ajude em nosso crescimento rumo à santidade. Este acompanhamento é necessariamente vocacional, no sentido de que se destina a ajudar a discernir, à luz do Espírito Santo, a própria vocação em cada fase da vida. É um processo no qual a pessoa é ajudada a crescer na liberdade e na capacidade de doação, no conhecimento pessoal e na integração das diversas experiências e dimensões da sua vida, encontrando o sentido da sua existência a partir do chamamento pessoal que Deus lhe faz.



“Uma coisa é clara na pastoral juvenil: é necessário acompanhar os jovens, caminhar com eles, ouvi-los, provocá-los, movê-los para que superem as comodidades em que descansam, despertar o desejo, interpretar o que estão vivendo, levá-los a Jesus e promover sempre a liberdade para que respondam ao chamado do Senhor com liberdade e responsabilidade. É necessário criar um clima de confiança, para fazer com que os jovens se sintam amados como são e por aquilo que são. O texto dos discípulos de Emaús pode ser um bom exemplo de acompanhamento (cf. Lc 24, 13-35).”

(Mensagem do Papa Francisco aos participantes do congresso internacional: “Pastoral vocacional e vida consagrada. Horizontes e esperanças”, 1 a 3 de dezembro de 2017).

Acompanhar é caminhar junto com o outro, ensinando-o a viver com sentido de vocação e missão, ajudando-o a refletir sobre os vários aspectos que entram no discernimento, encorajando-o a confiar plenamente em Deus e em seus planos. Ou seja, implica ser como sinal e mediação da presença amorosa de um Deus que abraça, ilumina e fortalece.

É importante que a vida simples e autêntica do acompanhante testemunhe que ele é discípulo de Cristo, para que levante questões fundamentais ao seu redor e aponte para Cristo como Aquele a quem ele se dirige, porque ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Quem acompanha está consciente de que “Deus continua a chamar os jovens, mas compete a nós encorajar uma resposta generosa e livre a tal chamamento”.⁹

⁹ BENTO XVI, *Discurso aos Bispos dos Estados Unidos da América* (16 de abril de 2008).

Um acompanhamento é sempre vocacional porque procura manter vivo o mais essencial dos chamados, que é o chamado à santidade, ou seja, uma comunhão de vida com Cristo no amor, que cada pessoa viverá a partir do seu estado.

Em uma escuta atenta ao Espírito Santo e à pessoa que busca a luz, é necessário fazer com que o jovem reflita sobre os diferentes caminhos para que possa analisar a atração ou rejeição que experimenta diante deles. Quando há sinais suficientes, não há necessidade de ter medo de propor explicitamente à pessoa que ela considere uma vocação específica.

Em resumo, o acompanhamento tenta oferecer um caminho personalizado que busca “suscitar e acompanhar processos, não impor percursos. Trata-se de processos de pessoas, que sempre são únicas e livres” (ChV 297). Um caminho de discernimento fornece ferramentas e espaços para rezar e refletir sobre as escolhas de vida, considerando os desejos e inclinações do coração.

“Para cumprir a própria vocação, é necessário desenvolver, fazer brotar e crescer tudo o que se é. Não se trata de inventar-se, de criar-se do nada, mas de descobrir-se à luz de Deus e de fazer florescer o próprio ser [...] A vossa vocação orienta-vos a fazer emergir o melhor de vós mesmos para a glória de Deus e para o bem dos outros”.¹⁰

¹⁰ Christus Vivit 257.

A formação, um encontro com Jesus que nos faz adquirir seus sentimentos

A formação deve estar “orientada de tal modo que nos ajude a descobrir em Cristo o sentido pleno de nossa vida, a nos configurar com Ele e cumprir nossa missão” (EFRC 30 § 1).

Deus criador que dá a vida é também o Pai que “educa”, tira do nada aquilo que ainda não é, para fazê-lo ser; tira do coração do homem o que Ele colocou ali dentro, para que seja plenamente ele mesmo e aquilo que Ele o chamou a ser, à Sua maneira” (NVNE 16).

Por isso, tanto nos projetos pastorais quanto nos programas de formação, é necessário¹¹:

- apresentar uma concepção do homem como sendo chamado por Deus e capaz de resposta;
- libertá-lo de uma concepção subjetiva que considera o indivíduo como centro e medida de tudo;
- refletir sobre o sentido da vida como abertura à transcendência própria do mistério da pessoa, através das questões fundamentais da existência;

11 Cf. M. LLANOS, *Como criar uma cultura vocacional entre os jovens?*

- ser um suporte para definir a própria existência como dom e chamado, vivido na responsabilidade e na liberdade;
- indicar os elementos essenciais para viver a existência como resposta, como aliança de amizade e projeto oferecido ao homem.

“O Senhor Jesus é o formador daqueles que chama, e o único que pode plasmar neles seus mesmos sentimentos” (NVNE 17). A formação vocacional é colaboração com Deus formador e deve oferecer os meios necessários para iluminar as mentes, inflamar os corações e fortalecer as vontades, para que cada um possa viver a vocação à qual o Senhor o chama e ajudar outras pessoas a fazer o mesmo.

Vida de equipe e de comunidade, um encontro com Jesus que nos reúne

No Regnum Christi somos uma família espiritual e um corpo apostólico. Não vivemos nossa fé sozinhos, mas sempre como parte de equipes e comunidades.

“Só na relação com todas as outras é que cada vocação específica na Igreja se revela plenamente com a sua própria verdade e riqueza. Neste sentido, a Igreja é uma sinfonia vocacional, com todas as vocações unidas e distintas em harmonia e juntas «em saída» para irradiar no mundo a vida nova do Reino de Deus”.

(Mensagem do Papa Francisco para o 60º Dia mundial de oração pelas vocações, 2023).



É importante formar comunidades de apóstolos apaixonados por Cristo, que rezam e vivem em comunhão e caridade fraterna, que são testemunhas da experiência do amor de Cristo. Isto contagia os demais com o desejo de seguir Cristo e encontrar n’Ele a própria felicidade. Temos um profundo desejo de que nossas comunidades permaneçam alegres e cheias de entusiasmo, para serem ambientes nos quais nós nos ajudamos mutuamente a crescer em santidade, plenitude vocacional e missão.

É em tais comunidades que surgirão as vocações para os diversos estados de vida no Regnum Christi, incluindo as vocações para a vida consagrada.

“Mas, é também importante que exista uma comunidade eclesial que ajude de fato cada chamado a descobrir a própria vocação”. “O clima de fé, de oração, de comunhão no amor, de maturidade espiritual, de coragem do anúncio, de intensidade da vida sacramental faz da comunidade crente um terreno adequado não apenas ao desabrochar de vocações particulares, mas à criação de uma cultura vocacional e de uma disponibilidade nos indivíduos a receber seu chamado pessoal. Quando um jovem percebe o chamado e decide no seu coração a santa viagem para realizá-la, ali, normalmente, existe uma comunidade que criou as premissas para essa disponibilidade obediencial” (NVNE 19, b).

A promoção implica apresentar as diferentes vocações e propor a cada jovem, em tempo útil, a pergunta da sua vocação específica como experiência do amor de Deus: “Senhor, que queres de mim?” A estima pelos membros de nossas equipes e pelas pessoas próximas, bem como o conhecimento e a valorização das diferentes vocações, fazem de cada um de nós um instrumento de Deus na promoção das vocações.

Dentro da equipe, ser companheiros de estrada e uma família unida em Cristo, faz-nos sentir responsáveis por nossos irmãos e irmãs e nos permite deixar-nos ajudar por eles, que nos conhecem e nos amam, na descoberta e aceitação do chamado de Deus.

Capítulo V

As diferentes vocações dentro do Regnum Christi

No Regnum Christi, Deus suscitou diferentes vocações: três delas compartilham a condição laical e três a condição de consagração.

- O que é comum nas vocações laicais é o seu caráter secular, entendido à luz do ato criador e redentor de Deus, que confiou o mundo aos homens e mulheres, para que participem na obra da criação, libertem-na da influência do pecado e se santifiquem no matrimônio ou no celibato, na família, na profissão e nas diversas atividades sociais, e que se dediquem principalmente à evangelização das realidades temporais e vivam sua consagração batismal no mundo.
- O que é comum às vocações de consagração é o convite de Cristo “não só a acolherem o Reino de Deus na sua vida, mas também a colocarem a própria existência ao serviço desta causa, deixando tudo e imitando mais de perto a sua forma de vida” (VC 14). Daqui brota a disponibilidade afetiva e efetiva para o cumprimento da missão com um coração indiviso, o testemunho profético, através da vida fraterna

em comum e a assunção dos conselhos evangélicos pelos votos de pobreza, castidade e obediência.

A seguir, apresentamos cada uma das vocações dentro do Regnum Christi e sua contribuição para o carisma e a missão, conforme expresso nos Estatutos da Federação Regnum Christi.

Os leigos associados do Regnum Christi

“Contribuem com sua índole secular e sua ação apostólica. Os leigos prolongam a presença de Cristo em meio ao mundo e procuram transformar evangelicamente as realidades temporais, especialmente a vida familiar, profissional e social” (EFRC 5 §4).

Os Leigos Consagrados do Regnum Christi

“Contribuem com o dom da própria consagração leiga e secular através do testemunho profético estando no mundo sem ser do mundo; da evangelização das realidades temporais; da disponibilidade, caridade, competência profissional e alegria no serviço ao Regnum Christi, à Igreja e aos homens; da promoção da comunhão fraterna entre todos, e da oração. Vivem o mistério de Cristo, consagrado ao Pai e próximo a seus irmãos os homens, como mais um dentre seu Povo, anunciando-lhes o Reino com a oferta de sua vida, seu trabalho e sua palavra” (EFRC 5 §2).

As Consagradas do Regnum Christi

“Contribuem, a partir de sua identidade feminina, com o dom de sua consagração leiga por sua entrega total e exclusiva ao amor de Cristo; sendo sinais do Reino em meio às realidades temporais; promovendo e custodiando a comunhão; saindo ao encontro das pessoas nas realidades concretas de sua vida e compreendendo aquelas ações que mais contribuam para o estabelecimento do Reino de Cristo” (*EFRC* 5 §1).

Os Legionários de Cristo

“Contribuem, por sua consagração religiosa, com o testemunho de sua entrega a Jesus Cristo e sua disponibilidade plena para a realização da missão comum. Por sua condição de sacerdotes fazem presente a Cristo Sacerdote e Bom Pastor, através da pregação, da administração dos sacramentos e da direção espiritual. Em comunhão com todos, colaboram na formação integral, na direção e na projeção apostólica dos fieis associados; promovendo a plenitude de sua vocação batismal e a liderança cristã; e estabelecem as instituições e empreendem as ações que mais possam contribuir, em profundidade e em extensão, para edificar o Reino de Cristo na sociedade” (*EFRC* 5 §3).

Conclusão

Cultura, pastoral y promoción vocacional en el Regnum Christi, una tarea compartida por todos

Como família Regnum Christi dentro da Igreja, somos chamados a viver uma **pastoral e uma promoção vocacional** a partir de uma autêntica e renovada **cultura vocacional**

Queremos viver a Boa Nova de que Deus vem ao nosso encontro e nos revela o seu mistério de Amor, razão última pela qual chama à existência as suas criaturas. Ele ama incondicionalmente e chama cada um pessoalmente, com os dons e talentos recebidos d'Ele, esperando que respondamos a Ele em liberdade para nos moldarmos à imagem de seu Filho compartilhando sua missão.

Uma vida que tem a sua origem e o seu fim no Amor se desenvolve e alcança a sua plenitude na entrega vivida por amor. E uma vida assim faz sentido!

Rezemos uns pelos outros para que possamos viver a vocação que recebemos de Deus em plenitude e fidelidade. Que possamos descobrir a vocação que o Senhor nos deu com olhos novos, sem acreditar que a conhecemos plenamente, mas nos deixando surpreender pelas riquezas inesgotáveis que ela contém e que nunca esgotaremos no decorrer da vida.

Que possamos ao mesmo tempo apreciar as outras vocações, maravilhando-nos com a riqueza dos dons com os quais Deus adorna a sua Igreja e com os quais enriqueceu também esta pequena porção que é o Regnum Christi. Deste modo, nós nos tornaremos promotores convictos de uma cultura vocacional e nos dispostemos ao Espírito Santo para ajudar os outros a descobrir e acolher o dom com o qual Ele quer conduzi-los à sua plenitude e fecundidade.

Peçamos à Santíssima Virgem que o Regnum Christi seja sempre um lugar onde os jovens possam encontrar Cristo, descobrir o seu chamado, crescer na amizade com Ele e por Ele ser enviados em missão.

Abreviaturas

- CCE** Catecismo da Igreja Católica
- EFRC** *Estatutos da Federação Regnum Christi*
(31 de maio de 2019)
- EG** FRANCISCO, Exortação Apostólica Evangelii
Gaudium (24 de novembro de 2013)
- NVNE** PONTIFÍCIA OBRA PARA AS VOCAÇÕES
ECLESIÁSTICAS, *Novas vocações para uma
nova Europa* (6 de janeiro de 1998)
- RFA** *Regulamentos dos fiéis associados à
Federação do Regnum Christi*
(17 de setembro de 2019)
- VC** JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica
Pós-Sinodal *Vita Consecrata* (25 de março de 1996)

VENHA A NÓS O VOSSO REINO!

